

FICHA TÉCNICA

Título

Estudos mirandeses: balanço e orientações. Homenagem a António Maria Mourinho (Actas do Colóquio internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999)

Coordenação

José Francisco Meirinhos

© Autores e Centro de estudos mirandeses da Universidade do Porto.

Foto da Capa

Largo do Toural, Picote c. 1990 (foto Pedro Julião)

Colecção

Textos e estudos mirandeses (série Estudos,1). Dirigida por J. F. Meirinhos

Editor

Granito, Editores e Livreiros – Lda - Porto

Composição e Grafismo

Barros, Fotomecânica, Lda. - V. N. Gaia

Impressão

Riagráfica, Lda. - Estarreja

Depósito Legal nº 177712/02

ISBN: 972-8594-21-6

Dezembro de 2000

**Estudos mirandeses: balanço e orientações.
Homenagem a António Maria Mourinho**
(Actas do Colóquio internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999)

Coordenação
José Francisco Meirinhos


Granito
Editores e Livreiros
Porto 2000

João Veloso

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

**O mirandês visto por futuros professores de português:
Resultados de um inquérito exploratório e sugestões
para uma estratégia de intervenção localizada**

Nota prévia

Gostaria de começar esta minha apresentação com uma observação prévia: esta comunicação não se insere de pleno direito na área dos Estudos Mirandeses, ao contrário das restantes contribuições incluídas no programa do colóquio. Trata-se somente do pequeno contributo de um não-especialista¹ que pretende aqui partilhar alguns dados relativos à informação de que os temas mirandeses são objecto junto de uma população específica - a de futuros professores de português em plena formação universitária - que, pelas razões que noutro passo enunciarei, me parece constituir uma população-alvo muito importante no trabalho de divulgação e promoção da língua e da cultura mirandesas desenvolvido presentemente por inúmeras instituições.

1 - Apresentação

Neste trabalho, vão ser apresentados os resultados parcelares de um inquérito aplicado no início do ano lectivo de 1998/1999 às duas turmas da disciplina de Linguística Portuguesa I da Faculdade de Letras da Universidade do Porto a meu cargo nesse mesmo ano.

Esta disciplina é uma disciplina obrigatória para todos os alunos do 2º ano da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas das variantes com a componente de Estudos Portugueses: frequentam-na

¹ Na verdade, a minha adesão à "causa mirandesa" é uma adesão meramente pessoal, afectiva, e nela a minha formação de linguista desempenha um papel relativamente secundário, visto que se limitou a ter contribuído para uma sensibilidade mais apurada para a necessidade de preservar e promover a língua e a cultura mirandesas, bem como a suscitar algum interesse pelas mesmas.

em 1998/1999 cerca de 450 alunos. O seu programa reparte-se por três capítulos principais - a fonética, a fonologia e a morfologia do português -, sendo esta a primeira cadeira especificamente devotada à linguística portuguesa com que os alunos que a frequentam deparam na sua evolução curricular normal dentro da Faculdade.

2 - População

As duas turmas em que o inquérito foi aplicado abrangiam cerca de 240 alunos, isto é, sensivelmente pouco mais do que a metade de todos os alunos inscritos, em 1998/1999, na cadeira. Por essas duas turmas repartiam-se todos os alunos de Linguística Portuguesa I pertencentes às variantes de Estudos Portugueses e Franceses e Estudos Portugueses e Alemães e ainda cerca de 50% dos alunos pertencentes à variante de Estudos Portugueses e Ingleses. O número de alunos que efectivamente frequentavam as aulas dessas duas turmas elevava-se a 178, de acordo com as inscrições nas turmas efectuadas no início do ano lectivo junto do docente.

Ao inquérito que passarei a apresentar responderam 107 alunos, o que representa sensivelmente 60% dos alunos inscritos nas turmas onde foi aplicado.

3 - Objectivos e metodologia

O inquérito era de resposta facultativa e anónima e destinava-se a permitir ao docente aperceber-se do nível de conhecimentos gerais dos estudantes principalmente nos domínios da análise gramatical do português, da linguística geral e da linguística românica. Constava de 11 perguntas em que eram solicitadas aos estudantes respostas a questões de dificuldade variável sobre estruturas gramaticais do português, famílias linguísticas, identificação de línguas mais ou menos exóticas a partir de pequenas amostras escritas, teorias linguísticas, dialectologia, linguística geral, etc.

Tais conhecimentos constituíam, na óptica do docente, um conjunto de conhecimentos básico para qualquer estudante universitário de língua e linguística portuguesas, devendo ser adquiridos não só no âmbito da formação curricular que é posta à disposição dos estudantes pela própria Faculdade, mas também como fruto do trabalho individual de pesquisa dos alunos. Aliás, além desta componente de diagnóstico de conhecimentos previamente adquiridos, o inquérito procurava estimular a pesquisa bibliográfica individual por parte dos estudantes, já que, depois da sua aplicação, estes foram incentivados

a procurar as soluções das suas perguntas recorrendo aos fundos bibliográficos da Biblioteca Central da Faculdade, do Centro de Linguística da Universidade do Porto ou de outras bibliotecas (proposta a que infelizmente apenas um número ínfimo de estudantes aderiu).

O inquérito foi aplicado nas duas turmas *na primeira semana de aulas* e, como se disse, só responderam os alunos que voluntariamente quiseram fazê-lo, sendo as respostas escritas e entregues ao docente sob anonimato dos estudantes. Os alunos foram avisados da possibilidade de, se assim entendessem, não responderem a todas as perguntas do inquérito.

Neste inquérito, o mirandês era objecto de uma pergunta (pergunta nº 10) dividida em 3 alíneas, sendo a seguinte a formulação exacta da questão:

- 10 - Já ouviu falar sobre o mirandês?
- a) Trata-se de uma língua ou de um dialecto? Porquê?
 - b) Em que local ele é falado?
 - c) Qual a sua origem histórica?

4 - Resultados

Responderam a pelo menos uma alínea da pergunta relativa ao mirandês acima transcrita 104 alunos, isto é, 97,2% dos inquiridos (como tal, a percentagem dos inquiridos que não responderam à pergunta (3 estudantes, num total de 107 inquéritos aplicados) foi mínima (=2,8%)). Na análise subsequente dos resultados, serão considerados apenas estes 104 inquéritos.

Dos 104 alunos que responderam a esta pergunta, só 2 estudantes (=1,9% dos alunos que responderam) afirmaram explicitamente nunca terem ouvido falar do mirandês, o que parece ser um valor irrisório. Por conseguinte, a quantidade de estudantes inquiridos que opta por não responder à pergunta (N=3) ou por afirmar explicitamente nunca ter ouvido falar do mirandês (N=2) representa uma parcela mínima do total dos inquiridos (=4,7%).

Depreende-se portanto que os 102 restantes inquiridos (=95,3% do total de inquiridos) tivessem ouvido falar desta língua, seja porque o afirmam explicitamente - p. ex., respondendo "sim" ou "sim, já ouvi falar do mirandês" no cabeçalho da resposta -, seja porque dão respostas às diversas alíneas da questão.

Passemos então aos resultados obtidos na resposta a cada uma das alíneas da pergunta proposta aos estudantes inquiridos.

Na presente secção deste texto, limitar-me-ei basicamente a apresentar os resultados quantitativos das respostas obtidas, reservando eventuais comentários que esses resultados mereçam para a secção seguinte.

O mirandês: língua ou dialecto?

Quando se pergunta aos alunos se o mirandês é uma língua ou um dialecto (alínea a) da pergunta), os resultados são os constantes do Quadro 1.

Quadro 1 - O mirandês como língua ou dialecto junto dos inquiridos

Resposta	Nº de inquiridos	% de inquiridos (N=104)
É uma língua	40	38,5%
É um dialecto	60	57,7%
NS/NR	4	3,8%
TOTAL	104	

(Neste quadro, estão considerados apenas os 104 inquéritos em que é dada resposta a pelo menos uma alínea da pergunta nº 10.)

Localização geográfica do mirandês

Seguidamente, perguntando-se o local em que o mirandês é falado (alínea b) da pergunta), só 66 alunos (63,5% dos alunos que respondem à questão) identificam correctamente a região de Miranda do Douro nas suas respostas. Não sabem ou não respondem 8 alunos e os restantes 30 repartem-se por outras respostas, conforme explicitado no Quadro 2.

Quadro 2 - A localização geográfica do mirandês de acordo com os inquiridos

Resposta	Nº de inquiridos	% de inquiridos (N=104)
Miranda do Douro	66	63,5%
Outras localidades	30	28,8%
NS/NR	8	7,7%
TOTAL	104	

(Neste quadro, estão considerados apenas os 104 inquéritos em que é dada resposta a pelo menos uma alínea da pergunta nº 10.)

De seguida (Quadro 3), são especificadas as 30 respostas que indicam outras localidades como sendo aquelas em que o mirandês é falado, sublinhando-se desde já o elevado número de estudantes que indicam, nesta resposta, o nome de Mirandela. Duas destas 30 respostas, não sendo tão precisas como as que indicam a região de Miranda, não podem ser contudo consideradas absolutamente incorrectas: são os casos das 4 respostas que mencionam a região de Trás-os-Montes e do aluno que genericamente responde “Norte de Portugal”.

Quadro 3 - Respostas erradas ou menos precisas acerca da localização geográfica do mirandês obtidas no inquérito

Resposta	Nº de inquiridos com respostas erradas ou imprecisas	% dos inquiridos em relação ao total (N=104)
Mirandela	22	
Trás-os-Montes	4	
Litoral Nortenho	1	
Beira Alta	1	
Minde	1	
Norte de Portugal	1	
TOTAL	30	(28,8%)

Origem histórica do mirandês

É na resposta à alínea relativa às origens históricas da língua (alínea c) da pergunta) que se verifica um maior desconhecimento por parte dos nossos inquiridos.

Esta alínea reúne um número muito elevado de não-respostas ou de respostas em que os inquiridos expressamente declaram não saber responder-lhe: 88 casos, no total de 104 alunos que respondem à pergunta nº 10 (=84,6%).

Dos 16 alunos que avançam uma resposta com conteúdo, só 3 (=2,9% dos que respondem à questão nº 10) se mostram capazes de relacionar o mirandês com o antigo leonês (havendo porém entre estes 3 estudantes um que afirma que o leonês era “a antiga língua da Catalunha”).

As respostas a esta alínea repartem-se da forma indicada no Quadro 4.

Quadro 4 - As origens históricas do mirandês de acordo com os inquiridos

Resposta	N ^o de inquiridos	% de inquiridos (N=104)
Leonês	3	2,9%
Espanhol	4	3,8%
Mistura de Português e Espanhol	2	1,9%
Galego	2	1,9%
Outros	5	4,9%
NS/NR	88	84,6%
TOTAL	104	

(Neste quadro, estão considerados apenas os 104 inquiridos em que é dada resposta a pelo menos uma alínea da pergunta n^o 10.)

As 5 respostas mencionadas na rubrica “Outros” do Quadro 4, na qual se indicam outras origens para o mirandês, são as seguintes, com um estudante cada e totalizando 4,9% das respostas dos 104 inquiridos: “Mistura de Espanhol e Árabe”, “Latim”, “Mistura de Latim, Português e Galego”, “Situação fronteiriça” e “Contrabando”.

5 - Discussão e conclusões

Vistas na secção anterior as respostas dadas ao questionário aplicado - e não perdendo de vista que este é um estudo meramente prospectivo e limitado a uma população muito reduzida -, impõe-se que reflectamos um pouco sobre aquilo que essas mesmas respostas nos permitem concluir acerca do nível de conhecimentos gerais relativos ao mirandês e que avancemos com a sugestão de algumas medidas que, especialmente junto desta população, seria conveniente tomar para se incrementar quantitativa e qualitativamente esse nível de conhecimento.

Antes, porém, de discutir em particular alguns dos resultados obtidos, tecerei algumas considerações de princípio sobre questões gerais.

Em primeiro lugar, gostaria de vincar que a população estudada pelo inquérito constitui uma população *diferenciada* que os agentes envolvidos na disseminação da informação relativa à cultura mirandesa deverão considerar como prioritária no seu esforço informativo e

sensibilizador, uma vez que estamos em presença de estudantes universitários de língua e linguística portuguesas que, na sua maioria, acabarão por ocupar-se profissionalmente do ensino. Como tal, deles se espera uma maior atenção para questões como a defesa do património cultural e linguístico e um efeito multiplicador das apreensões e das pistas de acção que soubermos inculcar-lhes. Foi com esse espírito que resolvi debruçar-me um pouco sobre o assunto aqui tratado e é com este pressuposto em mente que, ano após ano, procuro familiarizar minimamente os estudantes desta disciplina com as questões mirandesas.

Assim, reconheço grande utilidade à adopção de medidas simples que julgo estarem ao alcance das universidades e de outros estabelecimentos de ensino superior que formam professores de português, no tocante à sensibilização dos seus formandos para a área dos Estudos Mirandeses. Como é óbvio e patente, por exemplo, neste encontro, essa sensibilização não se esgota na formação profissional de professores de português, mas deixo aqui propositadamente para um plano menos evidente, também porque o conheço pior e nele não me encontro tão envolvido, o trabalho verdadeiramente fulcral que, com esse mesmo objectivo e junto da população em geral, cabe a outros organismos e a outros contextos.

Voltando um pouco atrás, à questão do presumível interesse do inquérito aplicado, e como já disse anteriormente, este inquérito teve igualmente um intuito formativo: as suas perguntas tinham, quanto a mim, um grau de dificuldade propositadamente variável, e, depois de aplicado o inquérito em aula, foi proposto aos alunos que procurassem resolvê-lo posteriormente, sem qualquer restrição de tempo ou de fontes de consulta².

Gostaria ainda de referir um aspecto que pode influenciar a maneira de olhar para os dados obtidos: se, com apenas um ano de formação universitária, estes estudantes dão respostas acerca do mirandês (como, aliás, acerca de outras questões) que não se destacam visivelmente das respostas hipoteticamente dadas pela população em geral (dizendo que o mirandês é um dialecto “porque não tem estatuto oficial”, ou que o mirandês é uma “mistura de português e espanhol”, ou achando que o mirandês é falado em Mirandela, p. ex.), estou certo de que o mesmo inquérito aplicado no final do ano lectivo ou,

² Como já foi dito, o número de estudantes que entregou uma nova versão das suas respostas, baseada em consultas independentes efectuadas propositadamente para esse efeito, foi muito reduzido.

melhor ainda, a alunos do 4º ano, com pelo menos duas cadeiras de linguística portuguesa concluídas e eventualmente com algumas aulas de História da Língua Portuguesa, revelaria uma percentagem muito mais significativa de respostas acertadas. Este aspecto torna, a meu ver, ainda mais pertinente e prometedora o esforço formativo/informativo e sensibilizador que pode e deve ser levado a cabo junto desta população *em formação*.

Estabelecidos estes considerandos prévios, passemos, pois, à análise concreta das respostas encontradas, na qual tentarei fornecer, sempre que oportuno, algumas pistas e sugestões para trabalhos futuros, partilhando ao mesmo tempo alguns resultados de experiências pedagógicas concretas e recentes levadas a efeito no âmbito da disciplina de Linguística Portuguesa I nos últimos anos lectivos nas turmas que tenho tido a meu cargo.

Um aspecto muito positivo, que penso que pode e deve ser potenciado na formação desta população, é o facto de praticamente todos os inquiridos já terem ouvido falar acerca do mirandês (só cerca de 2% declaram expressamente não terem nunca ouvido falar desta língua), ainda que depois revelem não ter ideias muito precisas ou apropriadas sobre a questão.

Penso que isto é um reflexo não só do carácter diferenciado desta população, à partida mais sensibilizada para este assunto, mas também da visibilidade crescente da “causa mirandesa”, relacionada não só com os esforços de diversos organismos empenhados na sua promoção como também com algumas iniciativas mais mediáticas, como o reconhecimento parlamentar do mirandês como língua oficial em Miranda, num processo que antecedeu de pouquíssimo tempo a aplicação do inquérito aos estudantes.

Este é, a meu ver, um dos aspectos mais positivos do inquérito e cumpre-me destacá-lo neste momento.

Quanto à questão de o mirandês ser uma língua ou um dialecto, creio que se torna esclarecedor observar as justificações de alguns estudantes para as respostas que dão. Dos 104 inquiridos que respondem à pergunta nº 10 do inquérito, só 59 (=56,7%) justificam a resposta que dão à alínea a) da pergunta (apesar de isso lhes ser expressamente pedido no enunciado da questão).

É interessante notar que, apesar de em princípio já contarem com uma disciplina introdutória de linguística (Introdução aos Estudos Linguísticos, que integra o plano curricular do 1º ano da licenciatura frequentada pelos inquiridos), um número significativo de estudantes

não consegue ainda libertar-se da ideia do senso comum de que uma língua, para ser considerada como tal, precisa de uma série de predicados de natureza extralinguística como o carácter oficial e nacional, um sistema de escrita ou um número muito elevado de falantes. Com efeito, quer do lado dos inquiridos que consideram o mirandês uma língua, quer do lado dos que o consideram um dialecto, estes argumentos pesam suficientemente: há 21 alunos que justificam explicitamente a sua consideração do mirandês como língua com a decisão parlamentar de oficializar o seu uso (se o inquérito tivesse sido aplicado uns meses antes, supõe-se que os mesmos alunos dariam a resposta alternativa, classificando o mirandês como um dialecto), a par de 11 que declaram que o mirandês é um dialecto porque não tem esse carácter oficial (o que, além do preconceito extralinguístico, denota uma falha de informação geral, já que, à altura do inquérito, como o demonstram as respostas anteriormente citadas, a questão já passara na Assembleia da República). Os restantes argumentos invocados frequentemente pelos estudantes para considerarem o mirandês um dialecto são o seu carácter restrito a uma área geográfica específica habitada por poucos falantes e a inexistência de um sistema ou de uma tradição de escrita para esta língua (o que revela também alguma dose de desinformação e desconhecimento da realidade).

Penso que o que há a fazer na correcção deste resultado é insistir na clarificação das principais noções básicas de linguística e dialectologia, tais como “língua”, “dialecto” e “língua minoritária”, o que é habitualmente feito nas aulas desta disciplina (e, ao que julgo saber, noutras disciplinas de Linguística) no âmbito do bloco lectivo consagrado à variação linguística. A situação do mirandês presta-se, aliás, a constituir um excelente exemplo para ilustrar a questão da consideração de certos códigos de comunicação verbal como línguas ou dialectos e para exemplificar a noção de “língua minoritária”, não só pelas características peculiares do seu estatuto sociolinguístico, como também pela sua proximidade geográfica e cultural em relação ao universo de conhecimentos e de experiências dos estudantes da Faculdade. No âmbito da experiência pedagógica concreta que tenho desenvolvido nas aulas de Linguística Portuguesa I, o mirandês tem sido precisamente utilizado como instrumento metodológico para conduzir os estudantes ao abandono gradual de preconceitos extralinguísticos e normativos sobre estas e outras noções (tais como, além das já citadas, “norma”, “norma-padrão”, “variação”, etc.).

Ainda na resposta a esta alínea, torna-se possível isolar um grupo de 23 inquiridos que revelam alguma ignorância quanto às

características estruturais da língua, a meu ver relativamente justificada em alunos sem formação específica na área da linguística portuguesa ou românica: são respostas de alunos para quem o mirandês é um dialecto porque, na justificação que dão, é apenas uma variante (fonética, na maioria das respostas) do português.

Estas respostas diferem das primeiras na medida em que revelam não uma falta de conhecimentos básicos de teoria linguística ou a persistência de alguns pré-juízos de ordem extralinguística, mas porque revelam, antes de mais, alguma desinformação sobre as propriedades estruturais da língua mirandesa. É de crer que, se pelo menos alguns destes alunos soubessem algo do sistema fonológico e morfossintáctico do mirandês, talvez fossem capazes de considerá-lo uma língua e não uma variação do português. Esta informação genérica e introdutória sobre as principais propriedades estruturais da língua pode também ser objecto de informação prestada em aula, nomeadamente na disciplina de Linguística Portuguesa I de forma necessariamente sintética (por vários motivos, entre os quais avulta o facto de esta não ser uma disciplina de língua ou linguística mirandesa, nem sequer de linguística românica). Este objectivo, integrado no bloco lectivo sobre variação linguística a que atrás aludi, é habitualmente concretizado nas turmas que me são atribuídas, sendo então o mirandês apresentado como exemplo de “língua minoritária” (expressão, aliás, que é utilizada por um único estudante dos 59 que justificam a resposta que dão à alínea). Neste contexto, são apresentadas aos estudantes algumas características mais marcantes da evolução fonética do mirandês e de outras línguas do bloco asturiano-leonês, colocadas em confronto com as restantes línguas românicas da Península, bem como algumas das principais características do sistema flexional verbal e de outros sub-paradigmas da língua, como os artigos, por exemplo.

Dos 59 estudantes que justificam a sua resposta a esta alínea, só 3 estudantes é que explicitamente indicam a existência de um léxico e de uma gramática específicos, resultantes da evolução histórica do bloco leonês dentro da evolução das línguas românicas na Península Ibérica, para justificarem a sua resposta considerando o mirandês uma língua.

No respeitante à localização geográfica do mirandês, não se pode deixar de considerar minimamente satisfatória a percentagem de pouco mais de 60% de estudantes que identificam correcta e precisamente a região de Miranda do Douro como aquela em que se fala a língua. No entanto, a percentagem de 30% de alunos que a situam noutros locais - algumas das respostas evidenciando uma

ignorância absoluta nesta matéria, como as que situam o mirandês na Beira Alta ou no Litoral Nortenho - parece-me ainda um valor considerável a ser corrigido no decurso da formação desta população.

As falhas evidenciadas na resposta a esta alínea não me parecem atribuíveis apenas a uma falta de informação sobre o mirandês especificamente. Elas certamente derivarão de uma falta de conhecimentos gerais mais alargados. Interrogo-me mesmo se os estudantes que indicam Miranda do Douro como a localidade onde é falada esta língua saberiam, p. ex., localizar Miranda num mapa ou se não terão chegado à resposta por via da etimologia aparente na morfologia do topónimo (responsável também, quanto a mim, pela hipótese de Mirandela arriscada por muitos dos inquiridos - v. Quadro 3).

Uma vez mais, a correcção desta lacuna - que, devo repetir, não atingiu porém valores de respostas incorrectas ou imprecisas tão elevados como na resposta à alínea anterior - passa, no âmbito do trabalho docente, por alguma informação de ordem geográfica, por exemplo, e uma vez mais, nas aulas sobre variação linguística. Estou convencido de que se torna absolutamente necessário, nessas aulas, recorrer a um número abundante de bons mapas que ajudem os alunos a visualizar a cartografia dos fenómenos linguísticos, sendo habitual esse recurso nas aulas em que o tema é abordado.

A origem histórica do mirandês foi a questão em que, de forma pouco surpreendente quanto a mim, se verificou a maior ignorância dos inquiridos. Este resultado, como disse, não me surpreende, uma vez que a resposta à última alínea da questão exigia uma informação mais especializada não fornecida ainda pela Faculdade e não tão facilmente acessível a partir de outras fontes, sobretudo para pessoas não iniciadas em linguística ou em dialectologia. Neste ponto particular, penso que os resultados obtidos não se afastam muito do que seria encontrado num inquérito semelhante feito a uma população não diferenciada (quantos de nós já tivemos de explicar a “leigos” que o mirandês não é uma “mistura de português e espanhol” ou não é português arcaico, para citar apenas algumas das ideias feitas de circulação mais alargada?).

Para a supressão das lacunas evidenciadas pelos estudantes nas respostas a esta alínea, contribuirão, a nível da formação proporcionada pela Faculdade, sobretudo as aulas de História da Língua Portuguesa, disciplina que integra a estrutura curricular do último ano da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas nas variantes com a componente de Estudos Portugueses (embora, infelizmente, não obrigatória para

todos os alunos). Na disciplina de Linguística Portuguesa I, porém, alguns dados sobre a história do mirandês são integrados na explicação de alguns fenómenos de fonética histórica do português que individualizam e contrapõem o bloco galego-português no quadro das línguas românicas da Pensínsula, tema a que é feita alusão no decurso do ano lectivo.

Não me deterei muito nas respostas a esta alínea a que atrás aludi e que identificam a origem da língua com circunstâncias extralinguísticas supostamente favoráveis ao seu desenvolvimento (situação fronteiriça de Miranda e “contrabando”). Tais respostas totalizaram uma percentagem irrisória de casos e revelam, por um lado e além de alguma ignorância, uma certa confusão na interpretação da questão colocada; por outro lado, põem em evidência um nível de conhecimentos de linguística teórica ainda imaturo, se bem que algo compreensível nesta fase do percurso académico dos estudantes inquiridos.

Como conclusões gerais, e resumindo o que até aqui foram considerações mais ou menos avulsas sobre o tema, gostaria antes de mais de tornar à ideia de que existe um enorme interesse, quanto a mim, em eleger este grupo populacional - o dos futuros professores de português - como um público-alvo a sensibilizar para a questão da defesa e da promoção da língua mirandesa. Trata-se, como disse já, de uma população à partida mais sensibilizada para este assunto e que, ao longo da sua formação académica e profissional, obterá os conhecimentos técnicos e científicos mais adequados a uma melhor interiorização das variáveis inerentes a toda esta problemática e ao seu envolvimento na defesa do mirandês. Não esqueçamos que, como futuros agentes culturais (papel que, entre outros, inequivocamente cabe aos docentes de qualquer grau de ensino, em meu entender), a sua motivação para as questões relativas à língua e à cultura mirandesas terá um efeito multiplicador.

Penso ainda que o mirandês, pelo contexto geográfico e cultural em que se insere, se oferece como um bom exemplo de multiculturalidade, bilinguismo e diglossia - tópicos que creio serem teoricamente abordados em disciplinas mais “técnicas” e especializadas na formação profissional de professores. Não será de excluir que alguns dos professores de português formados por esta Faculdade (ou por outros estabelecimentos similares) venham a exercer a sua actividade profissional na área linguística mirandesa, deparando aí e então com um cenário concreto da situação de que teoricamente haviam sido informados durante a sua passagem pela Faculdade e sentindo-se como

tal preparados para desenvolverem o seu trabalho inseridos nessa realidade específica.

Concluindo esta minha apresentação, permitir-me-ei avançar algumas sugestões de medidas de sensibilização e formação desta população específica no domínio dos Estudos Mirandeses, tendo sempre presentes os objectivos do trabalho aqui comunicado.

Algumas dessas medidas foram já postas em prática com razoável êxito em momentos anteriores e mencionadas em passagens prévias deste texto. Todas elas são aqui deixadas como propostas de caminhos abertos à discussão:

- necessidade de reforço da informação, transmitida no espaço da aula, sobre diversos aspectos linguísticos e sociolinguísticos do mirandês; esta informação poderá ser veiculada em momentos do ano lectivo especialmente dedicados ao mirandês ou a questões de linguística românica (o que dependerá dos conteúdos programáticos das cadeiras em que isso vier a ser feito) ou aproveitando o mirandês como exemplo ilustrativo de questões mais gerais de teoria linguística (por exemplo, na apresentação de conceitos relacionados com a sociolinguística, a dialectologia, etc.);

- organização de cursos livres (anuais ou intensivos, por exemplo nas férias de Verão) de língua mirandesa, não só em Miranda do Douro como também noutras locais (por exemplo, em estabelecimentos de ensino superior espalhados pelo País que ofereçam cursos de formação de professores de português e onde os alunos provenientes da região de Miranda do Douro e falantes da língua poderiam assim encontrar uma ocupação a tempo parcial como docentes de tais cursos, o que inclusivamente poderia abrir-lhes perspectivas de futuro como professores de mirandês nas escolas básicas e secundárias de Miranda em que a disciplina funcionasse ou viesse a funcionar);

- criação, nesta ou noutras faculdades, de cadeiras opcionais de Estudos Mirandeses, comuns a várias áreas disciplinares e a vários cursos;

- propostas de trabalhos escolares efectuados pelos alunos sobre temas de linguística e sociolinguística mirandesas, que potenciasssem, entre outros alcances, uma pesquisa bibliográfica que os familiarizasse com a produção ensaística nesta área e com a leitura de textos em língua mirandesa;

- realização de visitas de estudo a Miranda do Douro, as quais desempenham, quanto a mim, um papel fundamental e insubstituível no despertar destes estudantes para os assuntos mirandeses e na sua informação específica nesta matéria, pela oportunidade única e óbvia de os colocar em contacto directo com uma realidade que, de outro modo, lhes pode parecer distante ou pouco motivadora.

Finalmente, referirei que me parece óbvio que, mesmo na sensibilização desta população-alvo aqui considerada, não é só às faculdades e escolas superiores que formam professores de português que cabe um papel importante. Se aqui me debrucei com alguma insistência naquilo que pode estar ao alcance de tais estabelecimentos foi, como afirmei já, por me encontrar de alguma forma envolvido com o processo formativo desenvolvido nesse contexto particular e por querer partilhar com os interlocutores deste colóquio alguns propósitos, ideias e experiências a respeito do assunto em discussão.

Estou, como é natural, perfeitamente consciente de que tal intervenção institucional pode e deve ser *ampliada e multiplicada* pelo trabalho dinamizador de muitas outras entidades envolvidas na promoção deste património único e valioso, tais como as diversas entidades que apoiaram a organização deste evento e o próprio Centro de Estudos Mirandeses da Universidade do Porto.

Só a aliança de esforços entre todas estas entidades - como é patente na organização deste colóquio que considero perfeitamente justificada e enquadrada nos objectivos que tentei defender ao longo da comunicação - poderá contribuir para o trabalho sério e empenhado que ajude a salvar o mirandês dos três principais perigos que, a meu ver, pairam sobre o seu destino: o desconhecimento, o preconceito e a extinção.

³ Na minha prática docente, conto com uma experiência desse tipo, já referida neste colóquio, e que se realizou - quanto a mim, com grande sucesso - no ano lectivo de 1997/98. A visita foi apoiada por numerosas entidades e individualidades locais e foi antecedida de uma preparação específica e obrigatória dos estudantes participantes, que tiveram algumas aulas extraordinárias de preparação do evento e a quem foi pedido que, antecipadamente, lessem uma antologia de textos sobre o mirandês ou escritos em mirandês. *In loco*, foi proporcionado aos estudantes um contacto muito panorâmico não só com a língua mirandesa (tendo sido incluída no programa da visita uma aula de mirandês na escola básica em que a disciplina de Língua Mirandesa tem funcionado), mas, numa perspectiva integrada, com o contexto mais lato da cultura, da geografia, da etnografia, do ambiente e das actividades económicas desta região. Interpreto a presença de muitos alunos que participaram dessa visita neste colóquio como a prova de que a sua realização não se deu em vão e de que os Estudos Mirandeses ganharam aí alguns interessados e, quem sabe, alguns futuros cultores.